

# CIDADE DO AÇO CHINESA: A PRESENÇA ASIÁTICA NA CIDADE DE VOLTA REDONDA (2000-2023) CHINESE STEEL CITY: THE ASIAN PRESENCE IN VOLTA REDONDA CITY (2000-2023)

**Amanda Justino de Oliveira** Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda/RJ  
e-mail amandajustino.oliv@gmail.com

**Juliana Carvalho da Silva Souza** Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda/RJ  
e-mail julianashulz05@gmail.com

**Resumo** Esse artigo discute a presença de imigrantes chineses na cidade Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, desde a década de 2000 aos dias atuais. Partindo da chegada dos primeiros imigrantes chineses no Brasil, o estudo busca compreender a escolha, o fluxo e o assentamento no Sul Fluminense desse grupo. Portanto, é relevante mapear essa imigração e quais mecanismos foram usados por essa comunidade para a preservação da sua cultura e para a manutenção de práticas marcam a identidade chinesa.

**Palavras-chave** Chineses. Diáspora. Imigrações. Sul Fluminense.

**Abstract** This research aims to analyze the presence of Chinese immigrants in the city of Volta Redonda, state of Rio de Janeiro, from the 2000s to the present day. Starting with the entry of the first Chinese immigrants to Brazil, the study seeks to understand the choice, flow and settlement of this group in southern Rio de Janeiro. It is therefore important to map this immigration and the mechanisms used by this community to preserve its culture and maintain practices that mark Chinese identity.

**Keywords** Chinese. Diaspora. Immigration. South of Rio de Janeiro.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 20/06/2025  
Publicado em 30/08/2025

## 1. INTRODUÇÃO

Diante da lacuna existente na produção acadêmica acerca da imigração asiática na região Sul Fluminense, em especial na cidade de Volta Redonda, bem como a exploração limitada de estudos que evidenciem tais movimentos migratórios para o Vale do Paraíba no século XX, notou-se a viabilidade de elaborar esse estudo com ênfase na disseminação do conhecimento sobre esses grupos de imigrantes oriundos da China.

A história mundial é pautada em uma história de migrações. O termo *migração* é designado a explicar o movimento de uma pessoa ou grupo de pessoas de uma unidade geográfica para outra através de uma fronteira política ou administrativa, que deseja se instalar definitiva ou temporariamente em um lugar diferente de seu lugar de origem, segundo definição do dicionário Aurélio. Há vários motivos que podem desencadear o processo de migração, como mudanças climáticas, catástrofes naturais, conquistas militares, insegurança em sua terra de origem, perseguição, povoamento de um novo território, insatisfação com o governo de seu país, esperança de encontrar condições de vida melhores em outro local, alguma oportunidade de trabalho, de estudos, entre outros.

Grande parte dos historiadores concorda que, na história documentada, os séculos XIV e XV foram decisivos para uma mudança no padrão migratório já que é neste período que surgem as chamadas “grandes descobertas” pelos países europeus. As Américas, África e parte da Ásia foram inundadas por correntes migratórias também nesse período, que buscavam não apenas “povoar” esses locais, mas fazê-lo na intenção de transformá-los em suas colônias com a finalidade de explorar seus recursos e matéria prima.

Dessa forma, encontramos no processo de migração dois lados, ora para preencher lacunas como mão de obra barata ou qualificada para países que abrem demanda de contratações, ora servindo de refúgio para situações em que o imigrante precisa desvencilhar-se de situações que colocam sua vida econômica, social ou até mesmo sua segurança em risco. Nesse sentido, a migração de um contingente de pessoas para outra área que não a sua de origem geram impactos sociais, econômicos, estruturais, culturais, entre outros.

O Brasil possui um histórico de migração muito diverso percebido em vários períodos sendo os registros de migração, documentados para terras brasileiras, desde o período colonial e até os dias de atuais. Verifica-se a entrada de portugueses, holandeses, africanos, italianos, japoneses, sírios e mais uma vasta lista de etnias que chegaram ao país por motivos e condições distintas.

O Brasil, segundo o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva em seu livro *Encontro de Civilizações: Brasil 500 anos de História* publicado em 2001, pode ser entendido como

(...) uma soma de fatores – sociais, culturais e geográficos - que costurados pela linha

da história, formam a grande colcha de retalhos de nossa cultura, levando a percepção de um Brasil pluricultural e plurissocial, estando as migrações diretamente atreladas a história do país. (SILVA; , 2001, p. 27)

Os contingentes de imigrantes a desembarcar em solo brasileiro foram tantos e em épocas tão distintas que podem ser separados por períodos, para assim entender a sua cronologia.

### 1.1. Século XV e XVI: Portugal e África

A história da imigração no Brasil teve início no século XV, com a chegada dos colonizadores portugueses na costa nordeste do país. Após pouco tempo da chegada dos portugueses em solo brasileiro, inicia-se um novo tipo de imigração internacional e não voluntário: o tráfico de escravizados.

No período Brasil Colônia, uma política de desenvolvimento preparada por Dom João II e incumbida a Afonso Martin de Souza, capitão mor, que consistia em dividir as terras nas chamadas capitanias hereditárias, divididas entre os fidalgos da pequena nobreza e funcionários da burocracia monárquica, já que a alta nobreza não possuía interesse em explorar o Brasil. O sistema de exploração comercial realizada por Martin Afonso de Souza consistiu na exploração das riquezas locais, como o pau- brasil, além

da implementação da plantação da cana-de-açúcar.

A organização do sistema da exploração econômica da cana-de-açúcar trouxe um questionamento acerca da mão de obra para o trabalho nos engenhos. A partir desse momento inicia-se uma maciça imigração forçada de africanos escravizados para o trabalho nas plantações de açúcar e posteriormente em outras atividades.

Inicialmente os colonizadores portugueses utilizaram a escravidão indígena, prática já existente entre os nativos. Todavia, a escravização dos índios foi dificultada, especialmente, pelas epidemias de doenças que causaram baixas demográficas intensas, extinguindo até aldeias inteiras - o que exigia constante substituição de mão de obra na montagem dos engenhos de açúcar -, e pelos interesses divergentes existentes entre a Coroa portuguesa e missionários jesuítas, que pretendiam torná-los súditos cristãos e força de trabalho, e os colonos, que se interessavam em mantê-los como mão de obra.

A mão de obra escrava foi então o pilar das relações de trabalho no período colonial. De acordo com o historiador Stuart Schwartz em seu livro "Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial, 1550-1835, publicado em 1988 "a escravidão africana foi o principal fator de produção na economia brasileira, que se desenvolveu a partir da exploração dos recursos naturais e do trabalho escravo." (SCHWARTZ, 1988, p. 27)

Sobre a utilização de mão de obra escrava, o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva diz em seu livro Encontro de Civilizações: Brasil 500 anos de História:

Mesmo um dos problemas mais prementes da colonização de novas terras, a questão da mão-de-obra, já encontrara a resposta adequada aos interesses da burguesia mercantil e dos senhores das terras. A escravidão, considerada justa por trazer infiéis para os braços da Igreja, já era uma instituição sólida em Portugal, que apresava mouros para as fainas agrícolas e trabalhos domésticos em Algarve; mais tarde foram os canários, disputados por aragoneses e portugueses, e utilizados nas plantações de cereais e de cana-de-açúcar nos Açores, na Madeira, São Tomé e Cabo Verde e, por fim, os negros, tomados na costa d'África. Entre 1450 e 1500 o número de negros apresados chegava a atingir a cifra de 150 mil almas, em uma prova cabal da associação íntima entre colonização e escravismo. A extensão da escravidão ao Novo Mundo dependeria, assim, da evolução dos contatos entre brancos e índios, da convivência pacífica ao apresamento regular e da resistência oferecida pelos últimos, bem maior do que a historiografia tradicionalmente aceita. (SILVA; , 2001, p. 55).

A escravidão no Brasil que ocorreu entre os séculos XVI e XIX foi uma forma de exploração da força de trabalho de homens e mulheres africanas, sustentada pelo tráfico negreiro pelo oceano Atlântico. Os escravizados eram trazidos principalmente do continente africano, para “trabalhar” na América dentro das fazendas, lavouras, plantações de café, entre outros. Esse sistema operou no Brasil por mais de três séculos.

O gráfico abaixo mostra uma estimativa feita pelo site *Slave Voyages*, conhecidos por ser uma organização independente que analisa o resultado de várias décadas de pesquisas independentes e colaborativas para expor resultados que possam elucidar questões migratórias. Neste em específico, o site se atém a apresentar uma estimativa da entrada de escravos no Brasil desde 1846 até 1852.

Figura 1: Tabela com estimativa de africanos desembarcados no Brasil entre 1846 - 1852.

Estimativa do número de escravos africanos desembarcados no Brasil entre os anos de 1846 a 1852

Ano	Número de escravos africanos desembarcados no Brasil
1846	64 262
1847	75 893
1848	76 338
1849	70 827
1850	37 672
1851	7 058
1852	1 234

Disponível em <http://slavesvoyage.org/>. Acesso em 19 de abril de 2023.

De acordo com os dados do gráfico, a entrada de escravizados nos portos brasileiros ocorreu de modo crescente, ano a ano, passando de 70 mil anuais em três anos consecutivos. Esse número só diminui partir de 1850, com a proibição do tráfico internacional de escravos com a assinatura da Lei Eusébio de Queiroz.

Sua promulgação estava relacionada, sobretudo, às pressões britânicas sobre o governo brasileiro para a extinção da escravidão no país.

## 1.2. Século XIX: Europa

No século XIX, o fluxo migratório para o Brasil aumentou significativamente e o país recebeu imigrantes principalmente da Europa, como italianos, alemães e espanhóis, sendo mais expressivo durante a Primeira República entre 1889 e 1930. Ingressaram no país mais de 3,5 milhões de estrangeiros, o que corresponde a 65% do total de imigrados entre 1822 e 1960 segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas feito em 2016 e disponível no acervo de pesquisas do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da própria FGV.

No período republicano, o Brasil se encontrou plenamente no contexto migratório mundial de massa, ao lado dos Estados Unidos e da Argentina, constando como o terceiro receptor de imigrantes nas Américas, ainda que com um volume de entradas bem inferior.

## 1.3. Século XX: Ásia e Oriente Médio

No século XX, a imigração para o Brasil continuou a expandir para novas regiões, vindos da Ásia e o Oriente Médio. Imigrantes libaneses, sírios e japoneses, por exemplo, chegaram ao país nesse período.

A imigração de japoneses, por exemplo, bastante documentada no contexto de imigrações asiáticas, ocorreu principalmente pela necessidade de mão-de-obra para o trabalho nas fazendas de café, principalmente em São Paulo e no norte do Paraná. Nesse período, o Japão sofria uma forte tensão social causada por seu alto índice demográfico e para amenizar a situação, o governo japonês adotou uma política de emigração desde o princípio de sua modernização, a chamada era Meiji (1868). Apesar de não serem favoráveis à imigração, em 1906, os governos do Japão e do Estado de São Paulo levaram adiante esse processo, incentivando a vinda de homens e mulheres para o Brasil.

## 2. CHINESES NO BRASIL

A imigração de chineses para o território brasileiro não é recente. A presença de chineses remonta ao século XIX, quando por determinação de D. João VI, chineses foram trazidos para desenvolver o cultivo de chá onde hoje é o Jardim Botânico. Os fatores que possibilitaram esse recrutamento de mão de obra foram as semelhanças com o clima para o plantio de chá, os ganhos com o cultivo e a presença de Portugal em território chinês, uma vez que Macau também era colônia dos portugueses. No entanto, o tratamento severo que era dispensado a esses trabalhadores resultou o êxodo de chineses para as cidades, obrigando-os a se registrar com nomes brasileiros. A mascateação chinesa em território brasileiro começou por volta de 1825, quando os imigrantes chineses que se espalharam pela cidade começaram a comercializar pastéis e peixes pelas ruas da capital imperial.

Diversos debates foram travados no decorrer do século XIX e início do século XX em relação a mão de obra chinesa no Brasil, uma vez que ora chegavam imigrantes chineses a terras brasileiras,

ora eram impedidos de desembarcar após proibições que eram feitas aos acordos mantidos para a mão de obra chinesa, como aponta Lesser (2001):

À medida que outros impérios cresciam à custa de mão de obra “coolie”, surgiu uma discussão sobre trabalho/cultura, tratando da possibilidade de os trabalhadores chineses virem a enriquecer economicamente o Brasil ou se, ao contrário, eles prejudicariam sua cultura, transformando-a de “europeia” em “asiática”. A entrada dos chineses nunca pôde ser desvinculada das ideias sobre o futuro do Brasil. (LESSER; , 2001, p. 38)

A discussão sobre a imigração asiática, sobretudo a imigração chinesa passa a fazer parte da discussão sobre a identidade nacional do povo brasileiro. No país, havia parlamentares contra e outros a favor da utilização da mão de obra chinesa como também instituições com posições contrárias, mas todos dominados pelo receio do elemento “amarelo” e se ele seria suficiente para modernizar o país. As questões raciais e racista foram as que permearam o debate da imigração asiática para o Brasil nesse período.

Com a resistência apresentada pelos grandes cafeicultores e a elite econômica do país em incentivar a imigração asiática, devido ao “medo amarelo”, a entrada de asiáticos, sobretudo chineses, é desencorajada no Brasil e a quantidade de imigrantes a desembarcar no país diminuiu drasticamente. Esta só volta a crescer em períodos que o gigante asiático passa por instabilidades políticas, como a Guerra Sino-Japonesa (1931-1945), a Revolução Comunista (1949), a ditadura na Indonésia (onde muitos chineses viviam nos anos 1960), a retirada de Taiwan da ONU (1971) e a devolução de Hong Kong à China (1997).

É importante observar que a imigração chinesa para o Brasil tem um histórico e viveu outras fases, mas, é sobretudo, na contemporaneidade que se demarca a discussão sobre a presença chinesa no Brasil. É que mostra, por exemplo, último relatório da OBMigra - Observatório das Imigrações Internacionais – ligado atualmente ao Ministério da Justiça e Segurança Pública divulgado em 2023

**Número de vistos concedidos, por sexo, segundo principais países de localização do posto consular - Brasil, 2021 e 2022.**

Principais países de localização do posto consular	2021			2022		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
<b>TOTAL</b>	<b>50.408</b>	<b>34.078</b>	<b>16.330</b>	<b>94.525</b>	<b>62.313</b>	<b>32.212</b>
ANGOLA	3.395	1.630	1.765	10.618	5.637	4.981
ESTADOS UNIDOS	4.757	3.628	1.129	8.905	6.511	2.394
CHINA	3.011	2.456	555	5.850	4.184	1.666
ÍNDIA	1.194	969	225	5.615	4.558	1.057
IRÁ	630	443	187	5.236	3.225	2.011
CUBA	1.807	805	1.002	3.725	1.653	2.072
HAITI	5.422	2.941	2.481	3.215	1.669	1.546
FRANÇA	1.921	1.121	800	2.829	1.583	1.246
MOÇAMBIQUE	1.274	601	673	2.208	1.211	997
PAQUISTÃO	602	397	205	2.104	1.409	695
OUTROS	26.395	19.087	7.308	44.220	30.673	13.547

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério das Relações Exteriores, 2021 e 2022.

Disponível em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados>. Acesso em 06 de novembro de 2023.

Em apenas um ano, o país concedeu mais de três mil vistos de permanência à imigrantes chineses. Esse número é maior do que países como França, Cuba e Índia que também estão na lista.

Vale lembrar que os anos que tiveram dados consolidados no gráfico se referem a um período que as fronteiras brasileiras contavam com restrições para concessão de vistos e entrada no país devido a Covid19.

Mesmo com número crescente de imigrantes e apesar de ser o país que possui o maior contingente de chineses na América Latina, os estudos sobre a imigração chinesa no país ainda são pouco expressivos em termos quantitativos.

Ainda assim, o Brasil conta com pesquisas que contribuem para mapear a entrada de chineses em espaço brasileiro e demarcar quais atividades estes desempenham, para onde se deslocam e por que o fazem.

Afunilando o nosso raio de pesquisa, trataremos das correntes migratórias que correspondem ao eixo Rio-São Paulo, já que estes são os estados que receberam o maior número de imigrantes chineses segundo material produzido pelo OBMigra.

A história de imigrações para estes dois estados brasileiros se inicia no Brasil Colonial, uma vez que insatisfeitos com o rigor no controle do trabalho ao qual eram submetidos, parte deles fugiram para o interior onde passam a atuar como vendedores ambulantes ou cozinheiros, enquanto outra parte seguiu para nova tentativa de cultivo do chá, na Fazenda Real de Santa Cruz. Segundo relato publicado pela Revista Rio Multicultural em 2014, o historiador Shu Chang-Shen realiza que em 1825 vários chineses registrados com nomes brasileiros conseguiram licença para trabalhar como mascates, vendendo peixes e pastéis pelas ruas da cidade. Alguns prosperaram, abrindo restaurantes, mercearias e lavanderias, em especial na região do bairro da Tijuca, onde se fixaram. (CHANGSHEN, 2014, p.25).

Na contemporaneidade, o estado de São Paulo, é o maior receptor de imigrantes, ainda sendo o preferido por parte dos chineses na atualidade, embora outros estados e cidades brasileiras tenham surgido como opções num mundo cada vez mais globalizado.

A capital paulista concentra 90% de toda a população chinesa do país, estimada em 200 mil pessoas, entre imigrantes e descendentes (VÉRAS, 2008, p. 128). O alto número de indocumentados e a adoção de outras nacionalidades no processo migratório são fatores que dificultam uma estimativa mais precisa (VÉRAS, 2008, p. 129).

Na cidade de São Paulo chama a atenção a grande concentração de migrantes chineses nas galerias comerciais da região central da cidade, principalmente nas regiões da rua 25 de Março e do Brás, comercializando mercadorias importadas diretamente de seu país de origem.

A migração de chineses no território brasileiro, no entanto, não é uma exclusividade do estado de São Paulo. No Rio de Janeiro, a mão de obra chinesa, além do cultivo de chá na Tijuca, a partir

de 1856, o Jardim Botânico passou a ser ligado ao Alto da Boa Vista, por uma estrada que foi aberta também pela mão de obra chinesa. Em homenagem a esses trabalhadores, o prefeito da cidade, Francisco Pereira Passos, mandou construir, em 1903, um mirante, que oferece o que é considerado por turistas e cariocas até hoje uma das melhores vistas dos principais cartões postais da cidade: a Vista Chinesa.

Para além da prestação de serviços, os migrantes chineses que aqui se estabeleceram passaram a desenvolver atividades diretamente ligadas ao comércio, como a venda de peixes e pastéis nas principais praças do Rio de Janeiro. Essa prática dura por décadas, até o tom da conversa sobre imigração asiática no Brasil subir entre a elite escravocrata da época e novos rumos são traçados para o incentivo de imigrações no Brasil.

Com o desencorajamento da imigração chinesa durante as discussões do pós-abolição e a implementação da política eugenista, o número de imigrantes que o Rio de Janeiro recebe diminuiu drasticamente conforme a estimativa da Associação Chinesa do Brasil (2012):

Períodos	Origens	Ano e estimativa
1812-1900	Guangdong – Macau	1812 – 1.410 pessoas
		1881 – 2.000 pessoas
1910-1949	Zhejiang (Qingtian)	1931 – 820 pessoas
		1949 – 1.000 pessoas
1950-1979	Taiwan e países do sudoeste asiático	1959 – 6.748 pessoas
		1967 – 17.490 pessoas
		1972 – 40.000 pessoas
1980-2016	Guangdong, Zhejiang, Fujiang, Shanghai, Jiangsu, Shandong, Anhui, Shanghai, Jiangxi	1984 – 70.000 pessoas
		1988 – 100.000 pessoas
		1999 – 130.000 pessoas
		2012 – 250.000 pessoas*

Fonte: Weinong (2012, p. 6).

\*Baseado em estimativa da Associação Chinesa do Brasil.

Esse quadro só foi revertido após 1949, com a Revolução Comunista na China e de forma expressiva, a partir de 1990, quando uma nova onda de imigrantes originários de Qingtian se estabelece na região conhecida como Saara (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), de comércio tipicamente popular e que cobre atualmente onze quarteirões no centro do Rio de Janeiro. A Saara possui aproximadamente 1.250 lojas e segundo o presidente da sociedade, Ênio Bittencourt, que em entrevista prestada em 2018 para o mestrando Edivan de Azevedo da Silva da Costa informa que cerca de 10% delas pertencem, atualmente, a imigrantes da China.

A atividades comerciais geridas por imigrantes chineses se expandiram pelo estado do Rio de Janeiro e atualmente podemos encontrar imigrantes que se estabeleceram em solo fluminense, como

é o caso da cidade de São Gonçalo. A corrente migratória chinesa que se estabeleceu na cidade foi alvo de pesquisa e tema de dissertação do, agora mestre em Ciências Sociais pela UFRRJ, Edivan de Azevedo da Silva da Costa (2018). Nela, o pesquisador versa sobre a presença e contribuição da imigração chinesa para a cidade de São Gonçalo e expõe como atualmente existe uma espécie de rede migratória para esses imigrantes no estado do Rio de Janeiro. A existência dessa rede migratória é notada a partir da migração de chineses que pousam na capital e se espalham pelo território fluminense, como nos municípios de São Gonçalo, Nova Iguaçu e Duque de Caxias.

De acordo com a pesquisa de campo e entrevistas realizadas pelo autor Edivan de Azevedo em sua dissertação de mestrado, existem duas fases em que o município de São Gonçalo mais recebe imigrantes chineses: a década de 1990 e os anos 2000. Segundo o autor da pesquisa,

A primeira imigração chinesa ocorreu na década 1990 com surgimento das famosas “Lojas de 1,99” de produtos importados da China e comercializados por chineses. Esse grupo morava no município do Rio de Janeiro e migrou para São Gonçalo com intenção de vender seus produtos importados da China – brinquedos, utensílios domésticos, roupas, calçados e materiais de papelaria – conhecidos popularmente como Made in China. (COSTA; , 2018, p. 44)

Ao aprofundar sobre as razões da imigração, o autor nos mostra a rede de apoio que foi estabelecida entre os chineses que migraram para São Gonçalo e cidades próximas, muitos com membros da família que já haviam se mudado para o Brasil anos antes e após se estabelecerem chamavam outros familiares e amigos próximos, objetivando melhores condições de vida.

Esse retrato da rede de imigrações abordado na cidade de São Gonçalo é a mesma lente que funciona para a cidade que é o objeto central dessa pesquisa: Volta Redonda.

É notória na cidade de Volta Redonda a presença asiática que no cotidiano da cidade, seja no atendimento nas lanchonetes, nas lojas de bijuteria e nas famosas lojas de R\$1,99, no atendimento ao público ou a gerência de tais estabelecimentos, frequentemente encabeçada por imigrantes ou descendentes de chineses.

### **3. A IMIGRAÇÃO CHINESA EM VOLTA REDONDA**

A imigração de chineses dentro do território brasileiro atualmente já é feita num sistema de rede no qual os imigrantes chineses que já se estabeleceram no Brasil oferecem apoio a outros chineses que demonstram interesse na imigração.

De acordo com o relato de uma colaboradora entrevistada para a pesquisa, a existência de familiares e amigos que já se estabeleceram no Brasil é fundamental para que decidam realmente imigrar. Quando os chineses migram para Volta Redonda ou outros municípios vêm com a quantia necessária em dinheiro para abrirem algum comércio de interesse, no entanto a maioria das vezes eles

não têm conhecimentos da língua portuguesa para lerem contratos de aluguéis e solucionar burocracias e por isso a existência de outros imigrantes que oferecem esse suporte é um atrativo.

Quando imigram, a preferência dada para abrir um negócio são as lanchonetes e a razão pela qual esse segmento é escolhido é a mesma da dificuldade que enfrentam ao imigrar: a língua portuguesa.

A estrutura gramatical do mandarim é totalmente diferente da língua portuguesa, para além do alfabeto que é totalmente diferente dos ideogramas chineses, o que no fim das contas oferece um grau maior de dificuldade na aprendizagem e adaptação do imigrante chinês. Ao decorrer do desenvolvimento desse mesmo projeto observamos a dificuldade de alguns imigrantes da região que ainda não tem familiaridade com a língua. Tivemos uma entrevista negada, por exemplo, pela dificuldade de comunicação pela pouca compreensão da língua.

Outro aspecto que também oferece mais dificuldade para imigrantes na hora de abrir um negócio e se estabelecer é a burocracia que encontram. De acordo com depoimento de uma colaboradora

Ter loja é mais difícil. Precisa comprar coisas da China. Comprar coisas [da China] precisa conhecer quem vende e dá mais trabalho. É difícil participar da compra de produtos chineses. Eu preciso ter mais papéis [documentos] e ficam mais caro [impostos]. Prefiro vender comida, né? Vocês gostam de comer e precisa falar pouco português [risos] <sup>1</sup>

Ainda assim, é possível encontrar em Volta Redonda, estabelecimentos de outros segmentos que são geridos por imigrantes ou descendentes de chineses.

O município conta hoje, com pelo menos 15 estabelecimentos que são gerenciados por imigrantes chineses. Esse levantamento foi feito após visitas in loco à estabelecimentos na Avenida Sávio Cota de Almeida Gama, no bairro Retiro, Avenida Amaral Peixoto, no Centro e em toda a extensão do bairro Vila Santa Cecília, entre os meses de outubro à novembro de 2023. Este número, no entanto, pode ser ainda maior, uma vez que os dados foram fornecidos através de imigrantes chineses que colaboraram com a pesquisa além de dados coletados a partir do quadro societário dos estabelecimentos através da consulta de CNPJs na Receita Federal, que fica disponível online para qualquer cidadão.

Uma das dificuldades em mapear quantos estabelecimentos ao todo são geridos por imigrantes chineses é vista na própria abertura do CNPJ, já que muitos usam o nome brasileiro para dar entrada no documento. Esse foi, inclusive, o retorno dado pela ouvidoria da Junta Comercial de Volta Redonda, responsável pela entrega dos cartões CNPJ, para a ausência de algum dado oficial dessa natureza. Ao encaminhar a solicitação para a JUCERJA - Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro

<sup>1</sup> Entrevista cedida no dia 23 de maio de 2023

e órgão que recebe os formulários de abertura - o retorno foi o mesmo. Além disso, a JUCERJA responde a solicitação feita por e-mail alegando que não há um banco de dados específico para esse fim, sendo essa uma das dificuldades do mapeamento.

A partir da pesquisa de campo verificou-se uma diversidade na natureza dos estabelecimentos comerciais sendo 08 lanchonetes, 02 restaurantes, 04 lojas de utilidades e 01 loja de bijuterias e acessórios espalhadas nos bairros Retiro, Centro e Vila Santa Cecília. Algumas dessas lojas são filiais, abertas por integrantes da própria família, como relatado por uma colaboradora dessa pesquisa que veio para o Brasil após o esposo se estabelecer em 2017. No mesmo ano, abriram o primeiro negócio (a loja de acessórios) e no ano seguinte abriram a lanchonete, que fica ao lado, proprietária de uma lanchonete e outra loja de acessórios no bairro Retiro, hoje está a sob os cuidados da irmã enquanto ela se prepara para abrir outra lanchonete, filial da primeira, no município de Barra do Pirai.

O motivo da imigração para o país, para muitos imigrantes era melhoria de vida diante do custo de vida na China que não favorecia o crescimento econômico da família e optaram por imigrar. O Brasil foi escolhido por já terem outros conhecidos que vieram para o país e encontraram um bom mercado para trabalhar.

O relato de uma colaboradora cita o esposo, hoje falecido, como o primeiro a vir para Volta Redonda por ser uma cidade do interior e ter menor concorrência do que a capital, além de ter um custo de vida menor. A família, composta por 3 filhas sendo a mais nova já nascida aqui no Brasil, todos os integrantes da família falam mandarim, mesmo a mais nova, que aprende a segunda língua dentro de casa, “ A mais nova de 6 anos aprende [mandarim] com a avó quando sai da escola. Falamos as duas línguas em casa porque o meu pai não fala português.”<sup>2</sup>

Esse relato é similar ao de outra colaboradora que entrevistada para a pesquisa. Ao contrário da anterior, esta já nasceu no Brasil e hoje, com 32 anos é uma das responsáveis pela rede de lanchonetes que a família construiu e estão espalhadas entre os bairros Retiro e Vila Santa Cecília, na cidade de Volta Redonda. A família ainda possui filiais nas cidades de Barra Mansa e Valença, o demonstra a presença chinesa em outras cidades do Sul Fluminense.

Nas entrevistas realizadas, pode-se perceber que todos os colaboradores possuem vínculos com o país asiático de origem, seja por laços de parentesco ou amizade com os que ainda moram na China e ainda em costumes e tradições que carregam e repassam para outros integrantes da família. O conceito de tradição, para Hobsbawm (2000), é uma ideológica e não uma técnica. Portanto, ela não deve ser confundida com as ações de costumes ou de rotina. Ela representa uma reação a um contexto para relacioná-lo com o passado, ou para inventar seu próprio passado através da repetição.

Sobre a tradição ou costume que mantém ligados de sua cultura e, em todos os casos, os membros das famílias que residem em Volta Redonda e foram entrevistados informam que cultivam.

<sup>2</sup> Entrevista cedida no dia 19 de outubro de 2023

O primeiro ponto é a preservação da língua materna. Até os membros mais novos e já nascidos no Brasil aprendem mandarim e conversam entre si, principalmente dentro de casa, na sua língua de origem. Por esse motivo, ainda é possível entrar em um estabelecimento de um desses imigrantes e observar que falam

outro idioma.

Outro exemplo de preservação de costumes podem ser vistos no próprio calendário e festividades que comemoram (ou não). Atualmente, com a proximidade das festas de fim de ano, a nossa primeira colaboradora que imigrou para o Brasil confessa que não celebram o ano novo da forma que é comemorado aqui no ocidente. Na China, a celebração que marca a passagem de ano é comemorada entre os meses de Janeiro e Fevereiro, de acordo com o calendário lunar e é dessa forma que comemoram, mesmo aqui no Brasil.

A passagem de ano para os chineses é uma das datas comemorativas mais importantes do seu calendário e mais populares de sua cultura. Ela não acontece apenas na China, mas também em países como Japão e Coréia do Sul, por exemplo. Nesse período do ano, chineses costumam se reunir com seus familiares e tradicionalmente, as festividades podem se estender até a 15 dias, onde passam o período organizando diversas refeições, com pratos tradicionais da sua culinária que simbolizam sorte para desejar um próspero ano.

Um outro exemplo dado foi o dia de finados. Não é incomum encontrar estabelecimentos que são gerenciados por imigrantes chineses abertos nessa data. A nossa colaboradora que possui duas lojas no bairro Retiro confirma, já que a data não é a mesma no calendário chinês (este é comemorado no dia 5 de abril, no Festival Qingming também é chamado “dia dos ancestrais”).

Um dos aspectos também levantados durante a pesquisa é a relação do imigrante com o trabalho. Na China, a jornada de trabalho padrão é conhecida pelo número 996 (9h às 21h, 6 dias por semana) e a incidência de feriados é menor do que as do calendário brasileiro, por exemplo. A ideia de longas jornadas de trabalho tem um fator histórico, como traz a autora Rosana Pinheiro Machado em seu livro *China, passado e presente* (2013). Após a morte de Mao Tsé-Tung, Deng Xiaoping é quem assume a liderança do gigante asiático e propõe a abertura comercial da China ao capital estrangeiro com o slogan "ficar rico é a glória".

Essa mudança de pensamento é um pilar importante para justificar a relação que o chinês tem com o trabalho, já que esta seria a sua forma de alcançar a glória. No livro, *De Mao a Deng: a transformação da China* o autor e jornalista Fernando Mezzetti explica a ótica para a mudança de mentalidade quando diz que:

“Com a ordem de "buscar a verdade nos fatos, não nos preceitos", Deng fez com que fechassem os livrinhos, desmantelou as casernas, escancarou as portas do convento e transformou os habitantes em corsários do capitalismo ao grito de "enriqueçam!". (...) Uma sociedade que aprendeu durante séculos a fio que o lucro era "pecado", que buscar a riqueza era errado, que os negociantes eram seres inferiores, agora escutava seu líder

maior dizer, em alto e bom som, que enriquecer era glorioso. (MEZZETTI, 2000, p.96)

A relação com o trabalho, pautada na entrega de horas a fio ao labor também é vista no dia a dia dos nossos colaboradores. Até mesmo para a realização das entrevistas precisávamos dispor de flexibilidade para encaixar as falas entre um atendimento ou outro.

Quando questionados sobre a possibilidade de retornar para a China, todos os colaboradores foram categóricos ao descartar um retorno definitivo. A presença dos familiares aqui no Brasil e a estrutura já construída para os filhos que hoje até já aprendem as funções administrativas e operacionais do negócio da família, ou ajudam no dia a dia da loja garantem a continuidade no país. Muitos adaptados ao Brasil e estabilizados financeiramente não vislumbram um retorno ao país asiático para se estabelecer, salvo apenas à visitas com data sempre prevista para o retorno.

Essa é uma visão diferente de pensamento apresentada na pesquisa do sociólogo Edivan de Azevedo da Silva da Costa (2018) abordado anteriormente. De acordo com o autor, na capital e na cidade como São Gonçalo, ao longo dos mais de seis anos de pesquisa verificou que muitos imigrantes buscavam conseguir dinheiro suficiente para voltar para a China em melhores condições e comprar a troca do *hukou*<sup>3</sup>, por exemplo. Já na cidade de Volta Redonda, dentre os entrevistados pela pesquisa nenhum demonstrou interesse de retorno, mesmo antes de ter imigrado.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa dialoga com estudos sobre imigrações na atualidade e traça a vinda de imigrantes chineses para o Sul Fluminense com ênfase na cidade de Volta Redonda. Como visto, na cidade existem vários pontos comerciais nos bairros Retiro, Vila Santa Cecília e Avenida Amaral Peixoto que são geridos por imigrantes e/ou descendentes de chineses. Muito deles já são antigos e possuem uma estabilidade na cidade, mas a origem dos seus gestores é destacada apenas pelas características físicas, sua etnia, levando a comentários xenófobos da população que desconhece a sua trajetória histórica.

Como foi possível acompanhar ao longo da pesquisa, o motivo para imigrar se deu na busca por melhores condições de vida. Os chineses migram para Volta Redonda nos anos 2000, por já terem familiares e amigos estabelecidos que puderam ajudá-los nas questões burocráticas para abrirem suas lojas e lanchonetes. O município tornou-se atrativo devido ao custo de vida menor que o da capital, além de não fornecer grande concorrência como na área central da cidade do Rio de Janeiro.

É importante destacar que o estudo da imigração chinesa para o Brasil, principalmente para o sul do estado do Rio de Janeiro, ainda é um tema pouco abordado academicamente e a presente

---

<sup>3</sup> O *hukou*, uma espécie de registro de residência chinês. Nesse sistema, todo cidadão é legalmente obrigado a registrar sua região residencial (*hukou suozaidi*) e se o tipo de *hukou* (*hukou leibie*) deveria ser rural ou urbano e a mobilidade desse tipo de moradia não é permitida sem a troca do documento. Seu objetivo era, basicamente, identificar e atrelar indivíduos à sua cidade de origem de forma a controlar fluxos migratórios, engendrar mobilidade econômica-social e gerir programas de benefícios sociais.

pesquisa contribui para a temática tão relevante para os estudos regionais.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Edivan de Azevedo Silva. **A imigração chinesa no estado do Rio de Janeiro: redes migratórias no leste metropolitano fluminense**. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação de mestrado: ICHS – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

PIZA, Douglas de Toledo. **Os circuitos do comércio chinês em São Paulo**. In: PERALVA, Angelina; TELLES, Vera da Silva (orgs.). *Ilegalismo na globalização: Migrações, trabalho e mercados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A China no Brasil: Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

ARAÚJO, Marcelo Silva. **Chineses no Rio de Janeiro: O século XX e a migração em massa**. Revista Encontros, Rio de Janeiro, 68 - 82, 2015. Disponível em: <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/660>. Acesso em: 25 ago. 2023.

CHANG-SHENG, Shu. **RJ recebeu os primeiros imigrantes chineses**. O estrangeiro: Brasilpaís de imigração, S/L, 2012. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2012/04/12/chineses-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 25 AGO 2023.

HOBBSAWM, Eric; RANGER Terrence. **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LESSER, Jeffrey. **Negotiating national identity: immigrants, minorities, and the struggle for ethnicity in Brazil**. ed. : Duke University Press, 1999.

LINHARES, Maria Yedda Leite. **História Geral do Brasil**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **China, Passado e Presente**. 1ª. ed. : Artes e Ofícios, 2013.

MEZZETTI, Fernando. **De Mao a Deng: a transformação da China**. Brasília: Editora UnB, 2000.

SAID, Edward. **Cultura e Política**. Emir Sader (Org.). Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial**. ed. : Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Carlos Freire da. **Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo**. Caderno Metrópole, 223-243, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/XBLWmFcsdKKnNvPSy6CHYc/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 12 set. 2023.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Encontro de civilizações - Brasil 500 anos**. 1. ed. [S. l.]: Senac Nacional, 2001.

VÉRAS, D. B. **As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo**. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.